

O Segredo da Pirâmide, 20 anos depois¹

Tattiana Teixeira²

**“A pior coisa que pode acontecer a qualquer
escrito que se publica, não é muitas
pessoas falarem mal,
é ninguém dizer nada”**

Nicolas Boileau

1. Introdução

Um episódio que aconteceu pelos idos de 1996 é bom ponto-de-partida para entendermos o *Segredo da Pirâmide*. Naquela época, alunos da graduação e da pós em Comunicação da UFBA, com o apoio de professores, criaram o *Teorias de Quinta*³, grupo de estudo sobre teorias do jornalismo. Foi em um destes encontros que uma colega chegou afoita com o livro de Genro Filho nas mãos. O exemplar novinho, não deixava dúvidas: ela havia acabado de comprar a obra que, de acordo com os registros oficiais, estava há muito esgotada. Indagada, a estudante contou que estava em uma livraria, no Centro, quando se deparou com “O segredo da pirâmide”, na seção de esotéricos.

O caso poderia ser uma boa piada, mas não é. Ao contrário, é uma mostra do que um título é capaz de fazer com uma obra. Explica-se: se naquela livraria o *Segredo* era um livro naturalmente *esotérico*; entre muitos pesquisadores do jornalismo o problema está no subtítulo, afinal, alegam, nada mais fora de moda do que “Uma teoria marxista do jornalismo”. É sob a nuvem espessa do *preconceito*, portanto, que se esconde uma adequada compreensão deste livro que é audacioso e, por isso, até hoje um marco no campo das pesquisas em jornalismo no Brasil.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada, em forma de palestra, durante o painel *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo - uma introdução crítica*, realizado durante o Seminário Adelmo Genro Filho, promovido pela UFSM, em julho de 2007.

² Jornalista. Doutora em Comunicação pela Facom/UFBA. Professora do Mestrado e da Graduação em Jornalismo da UFSC. Editora da Revista Pauta Geral.

³ Alguns dos ex-integrantes do *Teorias* são, atualmente, Doutores, todos com teses sobre o jornalismo, a exemplo de Carlos Eduardo Franciscato, Josenildo Guerra, Roseméri Laurindo e Tattiana Teixeira.

As ressalvas à obra, ressalte-se, não se dão por um acaso. O livro é, sim, politicamente datado, mas esta característica não lhe retiram a atualidade e o mérito de ter conseguido, em boa medida, cumprir aquilo que prometia desde a primeira linha da introdução. Ali, Genro Filho escrevia, sem receio, que aquele trabalho pretendia “fornecer alguns elementos e indicações para a construção de uma teoria do jornalismo”⁴. Se hoje, falar em teoria do jornalismo causa desconforto entre aqueles que ainda não conseguem vê-lo como campo de produção científica, imaginem nos anos 80. Ao criticar duramente os estudos de Comunicação, a até então ainda cultuada Escola de Frankfurt e o funcionalismo, Genro Filho atingia diretamente toda uma tradição de pesquisa que estava mais do que arraigada no país. Isto certamente contribuiu para que muitos colocassem o seu livro em uma espécie de limbo intelectual, tal qual o livreiro que o alocou junto aos títulos esotéricos e estranhava o fato de ninguém tê-lo comprado até então.

Se certas discussões propostas por AGF parecem, hoje, fora de nosso tempo, o cerne de sua obra é essencial para a compreensão do jornalismo. Por isso, o livro deveria ser leitura obrigatória tanto em cursos de pós quanto de graduação – e, neste último caso, não apenas nas chamadas disciplinas teóricas, mas, sobretudo, nas práticas⁵. Aliás, o próprio Genro Filho, em palestra ministrada para estudantes de jornalismo, em 1986, já havia alertado para o equívoco da clássica frase que opõe teoria à prática. Se elas não se coadunam, uma das duas está errada, defendia. Por acreditar nisto em seu livro, ele tenta, exatamente, discutir o exercício do que chama de jornalismo informativo⁶, buscando compreendê-lo e, de alguma forma, combater o pragmatismo dos manuais que dizem como fazer, mas nunca explicam satisfatoriamente - e para além dos *cânones* profissionais - o porquê de tais *regras*.

Esta característica, aliás, é um dos motivos que fazem de *O Segredo...* essencial para classificá-la como um clássico das teorias do jornalismo no Brasil, qual seja, o

⁴ Todos os trechos aqui transcritos foram retirados da versão eletrônica do livro, disponível em <http://www.adelmo.com.br>. Por isso, não destacaremos o número das páginas.

⁵ Durante o Seminário Adelmo Genro Filho, o professor Pedro Osório contou, em sua palestra, que a idéia inicial de AGF era fazer um manual para estudantes de graduação. A proposta deu origem a *O Segredo da Pirâmide*.

⁶ Note-se que a obra aqui citada atém-se de modo bastante significativo à notícia. Embora Genro Filho aborde a reportagem, o faz de modo quase superficial, sem lhe dedicar nenhum capítulo em especial. Talvez isto se explique porque, tradicionalmente, os gêneros jornalísticos são divididos em informativo, interpretativo e opinativo. Esta é a proposta de autores como Beltrão, por exemplo, que defendia que a notícia fazia parte do gênero informativo e a reportagem, do interpretativo. Já Lorenzo Gomis é um dos expoentes entre os teóricos que acreditam na existência de apenas dois gêneros - informativo e opinativo.

olhar *desde dentro*. Em outras palavras, é um jornalista, conhecedor profundo das práticas e das rotinas profissionais, que discorre sobre o próprio jornalismo, apresentando uma perspectiva sobre a essência desta atividade e, por conseguinte, deste campo. É a partir de tal ponto-de-vista e alicerçando-se em conceitos oriundos da filosofia que Genro Filho defende o jornalismo como “uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular”. Entender o jornalismo como forma de conhecimento não é propriamente uma inovação teórica – o próprio AGF usa Park para alicerçar sua tese – e nem tampouco a relação entre jornalismo e singularidade – Tobias Peucer já apontava a importância dos fatos singulares, em 1690⁷. A novidade, portanto, está na reunião destas duas características, isto é, em compreender e definir o jornalismo como uma forma de conhecimento cristalizada no singular.

Partindo desta premissa, Genro Filho questiona a maneira tecnicista com que autores, muitos deles considerados clássicos, tentam explicar a prática jornalística cotidiana para, então, desvendar o *segredo* do título:

“Não obstante, sob o ângulo epistemológico – que é o fundamental – a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base. O segredo da pirâmide é que ela está invertida, quando deveria estar como as pirâmides seculares do velho Egito: em pé, assentada sobre sua base natural.”

Assim, ele discute o mito da pirâmide, até então sustentado na história já conhecida da influência das agências de notícias e dos períodos de guerra para os modelos *modernos* de redação jornalística. E, ao mesmo tempo, ao ressaltar a inequívoca relação dialética entre singular-particular-universal, Genro Filho proporciona uma compreensão mais adequada do contexto (particular), algo fundamental ao jornalismo, mas que raramente é discutido com a responsabilidade e reflexão teórica necessárias.

Passados 20 anos desde o lançamento desta obra seminal, ainda é comum docentes ensinarem as técnicas jornalísticas como se elas se bastassem, sem a necessidade de uma explicação epistemológica capaz de sustentar certas *regras*. Assim

Para ele, notícia e reportagem fazem parte de uma mesma categoria. AGF ao falar de jornalismo informativo o opunha ao opinativo.

⁷ Ver PEUCER, Tobias. “Os relatos jornalísticos”. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** 2(2004), 13-30.

como é comum achar que, por trás da prática jornalística de qualidade, não é preciso haver teoria. Dissemina-se, tal como se faz desde a década de 60, que, ao responder às perguntas clássicas, um bom *lead* é construído e, por extensão, uma boa matéria jornalística. De igual modo, ao seguir tais procedimentos, o repórter resguarda-se, na tentativa de atingir a objetividade e a imparcialidade tão caras ao jornalismo. O segredo da pirâmide persiste.

2. Em busca do singular

A ciência é uma forma de conhecimento cristalizada no **universal**; a arte, no **particular**. Já o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no **singular**. Tomando a teoria lukacsiana como referência, Genro Filho propõe a sua inovadora teoria com base nestas “três categorias lógicas que representam aspectos objetivos da realidade”. Ao entendê-la, é possível superar a técnica pela técnica e compreender melhor a essência do jornalismo e a sua prática. Mas a tarefa, definitivamente, não é fácil e, até por isso, é comum jovens estudantes de graduação, quando apresentados ao *pensamento ademiano*, questionarem, angustiadamente, onde está o singular ou como identificá-lo⁸. “Como o novo aparece sempre como singularidade, e esta sempre como aspecto novo do fenômeno, a tensão para captar o singular abre sempre uma perspectiva crítica em relação ao processo. A singularidade tende a ser crítica porque ela é a realidade transbordando do conceito, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesma”, explica Genro Filho. Para o autor, o singular é a matéria-prima do jornalismo e completa:

“(…) o critério jornalístico de uma informação está indissoluvelmente ligada à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineadas ou insinuadas pela subjetividade do jornalista (...)”.

Portanto, em cada acontecimento, uma infinidade de *atos* podem ser *construídos* pelo jornalismo. AGF explica que “os fatos não existem previamente como

⁸ A partir de uma palestra proferida por Genro Filho, em 1986, durante o Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, Meditsch explica que “o particular é sempre particular em relação a um singular e em relação a um universal. Ele não é particular por si mesmo. A relação é sempre relativa, trata-se de uma relação dialética. (...) Não existe singularidade pura, em que não estejam presentes a

tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas”. Em outras palavras, podemos dizer que é inquestionável que houve um acidente com o avião da TAM que fazia o vôo JJ 3054, em Congonhas, dia 17 de julho de 2007. Isto seria, na visão defendida por Genro Filho, objetivo e daí derivariam fatos jornalísticos.

Deste modo, discute-se também a questão da objetividade ainda hoje um tema polêmico, apesar da vasta bibliografia já produzida – nacional e internacionalmente - a respeito. De acordo com Genro Filho, “os fatos jornalísticos são um recorte no fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo. Nesta medida, é inevitável que os fatos sejam, em si mesmo, uma escolha”. Ao admitir isto, o autor rebate o que chama, entre aspas, de “objetividade jornalística”, conceito amplamente aceito em sua época, classificando-o como positivista e funcionalista. Sua crítica se dá sobre a falsa idéia de que ao repórter caberia se deparar com fatos prontos e, apenas, noticiá-los, seguindo fielmente a técnica consagrada da pirâmide invertida.

“Essa objetividade implica uma compreensão do mundo como um agregado de *fatos* prontos e acabados, cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção e autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Caberia ao jornalista, simplesmente, recolhê-los escrupulosamente como se fossem pedrinhas coloridas”.

Vejamos, portanto, um exemplo concreto. As notícias sobre o acidente citado podem ser – e são – várias. Em cada uma delas, singularidades distintas. Há aquelas sobre as causas, sobre as vítimas, sobre as empresas envolvidas, sobre as ações do governo. Em cada uma delas, um aspecto singular é destacado e, para que se garanta uma boa cobertura, é essencial que esta singularidade seja contextualizada através do particular. De outro modo, corre-se o risco de cair no sensacionalismo que nada mais é que uma forma de cobertura que se atem quase que exclusivamente à singularidade – é como se colocasse uma espécie de lente de aumento sobre o singular, destacando-o em demasia. E o sensacionalismo pode e costuma ser produzido em qualquer editoria, seja ela de política, cidade, economia, cultura ou, claro, de polícia.

Quando constrói o parágrafo “*Um comunicado da Airbus baseado na análise oficial da caixa-preta do vôo 3054 afirma que a aeronave A-320 não apresentou*

particularidade e a universalidade. E não existe universalidade pura, sem que dentro da universalidade estejam dissolvidos os demais conceitos.” (1992:28-29)

nenhum "defeito de funcionamento" e que o manete da turbina direita, que estava inoperante e travada, não foi desacelerado corretamente pelo piloto na hora do pouso.”, a repórter da *Folha de S. Paulo* responde às perguntas de um lead clássico e estaria, portanto, fazendo um texto correto. Mas toda a matéria, desde este início, constrói-se sem que haja, por parte da repórter - e por extensão, do editor -, nenhum questionamento, nenhuma contextualização efetiva e jornalisticamente sustentável, além de reforçar o suposto erro primário dos pilotos afirmando, inclusive, que “*O comunicado confirma a hipótese indicada pela caixa-preta, conforme a Folha adiantou na terça-feira*”. Já na chamada de capa – o telegrama da Airbus foi a manchete do dia – afirma-se que “*segundo a empresa, o manete da turbina direita, que estava inoperante e travado, é que não foi colocado corretamente no pouso*”. Faltou questionar se o avião tivesse problemas, a Airbus assumiria a falha ? E se assumisse, que implicações – inclusive e, sobretudo, financeiras – tal declaração teria ? Quantos bilhões de dólares estão em jogo, para além da tragédia em si e das vidas humanas perdidas ? Quantos aviões deste tipo operam, por exemplo, no Brasil ? Baseada em que a Airbus lançou tal comunicado ? Já é possível fazer tal afirmação categórica ? As investigações terminaram ? Se não há respostas para estas perguntas, o comunicado, em si, é notícia ? A única – e discreta – tentativa de colocar em xeque a declaração da empresa aparece no penúltimo parágrafo, quando a repórter explica:

“A Airbus tem interesse em divulgar que não houve defeito no funcionamento do avião, mas ainda assim já surgem críticas a respeito do projeto do A320. Depois de um acidente parecido em Taiwan em 2004, a Airbus afirmou que iria desenvolver um alerta sonoro e visual para a situação em que um manete é esquecido em aceleração durante o pouso” (*Folha de S.Paulo*, 04 de agosto de 2007, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0408200701.htm>)

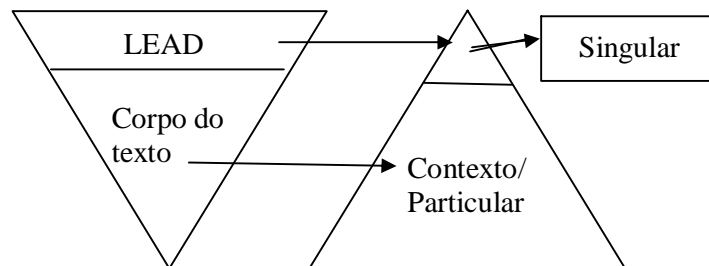
Eis um caso – infelizmente muito comum - em que as declarações se transformam em pedrinhas e os jornalistas – repórter, editor - em garimpeiros de falsos brilhantes. O prejuízo cabe ao leitor e à sociedade, por extensão.

3. De ponta cabeça

O essencial no jornalismo não é a busca pelo singular, como alguma leitura mais apressada do livro de Genro Filho pode sugerir, mas a capacidade de contextualizá-lo adequadamente. O autor também não critica o *lead*, em si, mas afirma que a essência do

jornalismo não está em relatar, em uma notícia, os acontecimentos (ou fatos) partindo do mais importante para o menos importante, mas do singular para o universal. E é a partir do modo como um jornalista estabelece estas relações dialéticas que se pode construir conhecimento acerca de aspectos da realidade. Se o faz de forma irresponsável ou ingênua, isto tem uma implicação bastante danosa. Se, ao contrário, procura entender a complexidade que há por trás de todo e qualquer acontecimento noticiável, fazendo com que entre singular-particular e universal haja mais do que uma tentativa de sobreposição *natural* entre causas e conseqüências, tende a contribuir de forma efetiva para o exercício da cidadania.

A pirâmide, portanto, estaria de pé. A relação entre a pirâmide invertida e a defendida por Genro Filho se daria, graficamente, da seguinte forma:



O universal está subjacente e, portanto, não precisa vir explícito no corpo da matéria. No caso da notícia anteriormente comentada, o universal seria, por exemplo, a aviação comercial no Brasil ou mesmo no mundo, a depender do enfoque dado. Do mesmo modo, o *lead*, enquanto “princípio organizador da singularidade” pode, inclusive, não estar no primeiro parágrafo. AGF explica que

“sua localização no começo da notícia corresponde ao processo de percepção em sua ordem mais natural, pois toma como ponto de partida o objeto reconstituído singularmente para, a seguir, situá-lo numa determinada particularidade”.

Genro Filho, ao defender tais pressupostos, tentava mudar completamente uma percepção ainda hoje comum do jornalismo como mera técnica, como um conjunto de regras que, se seguidas, garantem um bom trabalho. É, infelizmente, ainda comum ouvir

professores de jornalismo defenderem uma visão tecnicista da prática, a mesma que costuma usar o *mercado* como parâmetro inquestionável⁹. Ou, ainda, acharem que para melhorar a formação jornalística é preciso inserir nos currículos matérias de outros cursos – como Sociologia, História e Economia – porque não há teoria no jornalismo. Podemos, inclusive, apontar para uma *terceira via*, que defende a cadeira Teorias do Jornalismo como algo isolado e prefere os manuais – livros que, na maioria das vezes, trazem pouca ou nenhuma reflexão teórica - como melhor instrumento de ensino para as ditas disciplinas práticas. Ao propor uma discussão integrada, reflexiva, AGF certamente pretendia contribuir para eliminar estes falsos abismos.

Por outro lado, ele usava as suas teses exatamente para combater a idéia, comum à época, de que jornalismo necessariamente seria sinônimo de manipulação – hoje este discurso está, digamos, fora de moda, mas dá lugar a outro, talvez mais perverso, de que o mercado só deforma e que os jornalistas são obrigados a fazer *certas coisas*, ainda que não concordem com elas. Para combatê-la, AGF diz, no último capítulo de *O segredo...*, que

“a concepção ingênua de que o jornalismo inevitavelmente fragmenta o real e, em consequência, é necessariamente manipulatório e alienante, sequer consegue notar que a singularidade é uma dimensão objetiva da realidade e, além disso, que o singular também contém o particular e o universal”.

De certo modo, pode-se afirmar que ao buscar compreender – e explicar – a essência do jornalismo, AGF tentava viabilizar uma prática melhor, mais consciente de suas reais atribuições, desafios e responsabilidades, ainda que às vezes o fizesse criticando de forma ácida e equivocada alguns autores como Park, por exemplo. De igual modo, também produz algum tipo de reforço do que ele mesmo criticava quando ratifica a idéia de imprensa burguesa diretamente relacionada à ideologia dominante e, portanto, ao controle e manipulação do processo informativo. Mas isto, entende-se, é fruto da própria época e dos próprios arcabouços teóricos que sustentavam as suas idéias. Não por um acaso, ele termina seu livro, afirmando :

⁹ Em 1992, em *O conhecimento do Jornalismo*, Meditsch já alertava: “Se o Jornalismo é produção de conhecimento, temos que revisar radicalmente a pedagogia de nossas escolas, que até agora o via só como forma de comunicação. Não basta formar comunicadores, é necessário formar produtores de conhecimento. Mas, sendo a própria pedagogia uma Teoria do Conhecimento posta em prática, como ensina Paulo Freire, “conhecer o jornalismo” e “o Jornalismo que conhece” passam a ter algo em comum. E abrem caminho para que se encontre o elo entre teoria e prática, que foi perdido no ensino da comunicação em consequência da perda de seu objeto de estudo” (1992:20-21)

“para pensar e atuar efetivamente como sujeito individual e social no interior do gênero humano – para tornar-se uma “pessoa”, na acepção dada por Lukács -, o homem precisa viver amplamente, e não apenas através das mediações particulares e universais da arte e da ciência, a totalidade do mundo humano pelas determinações significativas do singular. A realização do comunismo, portanto, não pode ser pensada sem o pleno desenvolvimento dessa forma social de apropriação da realidade a que chamamos “jornalismo informativo”.”

Felizmente, apesar da Queda do Muro de Berlim, o essencial das idéias defendidas em *O segredo da pirâmide* continua atualíssimo e, seguramente, indispensável para a definição conceitual do jornalismo enquanto forma de conhecimento e para um estudo sistemático da prática profissional que vá além da sua dimensão técnica e instrumental.

4. Vinte anos depois

Se, em meados da década de 80, defender que o jornalismo tem teoria parecia, para muitos acadêmicos brasileiros, idéia sem propósito, 20 anos depois do lançamento de *O Segredo da Pirâmide*, o quadro já mudou bastante. Naquela época, inclusive, na própria introdução ao seu trabalho, Genro Filho dizia, referindo-se ao teórico alemão Otto Groth, que:

“Seu grande objetivo era obter o reconhecimento da “ciência jornalística” como disciplina independente. Essa meta hoje aparece como algo, no mínimo, duvidoso, considerando-se que a tendência atualmente dominante nas ciências sociais é a confluência de disciplinas e perspectivas. No entanto, o principal mérito de Groth, que consiste em ter estudado o jornalismo (ou os *periódicos*) como um objeto autônomo entre os demais processos de comunicação social não teve muitos herdeiros”

No Brasil, especificamente, podemos dizer que desde a década de 90 avança-se rumo à institucionalização do jornalismo como campo de pesquisa, contrariando, felizmente, as previsões de Genro Filho. Primeiro, com a criação do GT de Jornalismo da Intercom, seguido alguns anos mais tarde pelo da Compós, culminando, em 2003, com a criação da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), algo impensável em 1987. Apesar disto, ainda há um longo caminho a percorrer para que se compreenda o jornalismo como, além de uma prática profissional, uma ciência.

Os desafios começam nas próprias escolas. Em boa parte dos currículos e planos de ensino da graduação, ainda predomina uma visão, digamos, separatista entre a teoria e a prática. Do mesmo modo que ainda há uma certa carência de uso da bibliografia nacional, pois cada vez mais pesquisadores produzem teorias do jornalismo no Brasil, discutindo tanto os fundamentos do jornalismo como fazendo pesquisas em torno de produtos e processos, como aqueles relacionados a jornais, revistas e telejornais, por exemplo, isto sem falar nos clássicos, como Genro Filho e Luiz Beltrão, que ainda aparecem de forma discreta nas disciplinas da graduação. O grave é que isto ocorre, muitas vezes, por preconceito, como se a data de publicação de uma obra imediatamente lhe conferisse uma certa “data de validade” ou se o estrangeiro fosse, por princípio, sempre melhor.

É bem verdade que só mais recentemente começamos a nos profissionalizar na divulgação de nossas pesquisas – o periódico específico sobre jornalismo há mais tempo em circulação no Brasil, a *Pauta Geral*, foi lançado apenas em 1993¹⁰. Entretanto, pesquisamos sobre jornalismo há décadas. O que nos faltava eram canais efetivos de divulgação que hoje estão em um patamar bastante razoável, apesar de haver no país apenas um Mestrado em Jornalismo (UFSC) e dois programas de pós-graduação com linhas específicas para este campo (UnB e Unisinos).

Genro Filho não viveu o suficiente para ver estas mudanças e, nem tampouco, teve tempo de talvez revisar seu livro – morreu alguns meses depois de *O segredo da pirâmide* ser lançado, em 1988, com apenas 37 anos. Se estivesse vivo, veria que aspectos não discutidos em sua obra estão cada dia mais sendo pesquisados por nossos acadêmicos, tais como as linguagens do jornalismo, ética e deontologia. Crescem, ainda, estudos relacionados ao jornalismo especializado, aos diversos suportes (rádio, tv, impresso, web) e aos gêneros jornalísticos. Isto, mesmo enfrentando a acirrada concorrência por verbas para pesquisa e reconhecimento ainda discreto por parte das agências de fomento nacionais.

5. Bibliografia:

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

¹⁰ Isto, claro, não quer dizer que não se produzisse Teorias do Jornalismo no Brasil até então. São muitos os pesquisadores brasileiros pioneiros que produziram textos teóricos sobre o jornalismo, a exemplo de Luiz Beltrão, José Marques de Melo, Nilson Lage, Cremilda Medida, Ciro Marcondes Filho, Juarez Bahia, entre outros.

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide**. Porto Alegre, 1987 – Versão disponível em: <http://www.adelmo.com.br> . Acesso em: 10 de março de 2005.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**. México: Paidós, 1991.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoria dels gèneres periodístics**. Barcelona: Centre d'Investigació de la Comunicació, 1989.
- GONÇALVES, Elias Machado. **A dialética do discurso jornalístico**. 1992. 188f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação/Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.
- LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MELO, José Marques de (coord.) e RAHDE, Maria Beatriz (org.). **Memória das Ciências da Comunicação no Brasil – o grupo gaúcho**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Edufsc, 1992.
- PEUCER, Tobias. “Os relatos jornalísticos”. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** 2(2004), 13-30.
- TEIXEIRA, Tattiana. “Crítica ao elogio do senso comum”. In: **Revista Pauta Geral** 7(2005), 21-52.